

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

15 e 29 de Dezembro de 2022

LUZ E SOMBRA – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA

SHI MIAN MAI FU / 2004 O Segredo dos Punhais Voadores

Um filme de Zhang Yimou

Argumento: Li Feng, Wang Bin, Zhang Yimou / *Diretor de fotografia* (35 mm, anamórfico, cor): Zhao Xiaoding / *Efeitos visuais:* David Booth *Direção artística:* Han Zhing / *Cenários:* Huo Tingxiao / *Guarda-roupa:* Emi Wada / *Interpretação:* Takeshi Kaneshiro (*Jin*), Andy Lau (*Lee*), Zhang Ziyin (*Xiao Mei*), Song Dandan (*Yee*) e muitos outros.

Produção: William Kong e Zhang Yimou para Beijing New Pictures Films, Zhang Yimou Studio, Edko Films, Elite Group Entreprises / *Cópia:* digital (transcrita do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 119 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, 19 de Maio de 2004 / *Estreia em Portugal:* Lisboa, 10 de Março de 2005 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Zhang Yimou pertence à chamada “Quinta Geração” do cinema chinês, que em meados dos anos 80 realizou uma série de filmes que foram em grande parte exportados e deram uma nova imagem do cinema chinês e da própria China no Ocidente, no momento em que o país começava a “entrar no mundo”, dez anos depois da morte de Mao Tsé-Tung e dos ajustes de contas e reajustes político-económicos que se seguiram. “**Sorgo Vermelho**” de Zhang Yimou e “**Terra Amarela**”, de Chen Kaige são considerados os filmes mais emblemáticos da “Quinta Geração” e têm características que se mantiveram no cinema chinês “de autor” nos quarenta anos que decorreram desde então: são filmes totalmente, quase ostensivamente, dominados do ponto de vista técnico, produtos de fatura industrial com minucioso acabamento, sem nenhuma “estética da imperfeição” ou coisa parecida, que criam realmente um outro mundo na tela (neste aspecto, são análogos ao cinema americano dos anos 40 e 50), sedutoramente belos do ponto de vista visual (“estetizantes”, dizem os mais desconfiados), com diálogos relativamente escassos e narrativas oblíquas, facilmente inteligíveis. Um cinema pensado talvez mais em termos de produtores do que de realizadores, mas que conta com verdadeiros mestres da *mise en scène*, o que é mais um ponto comum com o cinema americano clássico.

Em **O Segredo dos Punhais Voadores** Zhang Yimou aborda pela segunda vez, depois do êxito artístico e comercial de **Herói** (2002), o filme de artes marciais, que nos anos 70 constituiu o género mais popular em todo o planeta, à exceção dos países comunistas, nas produções de Hong-Kong. Quase cem por cento dos espectadores destes filmes eram do sexo masculino e estes muitas vezes passavam em duplos programas em salas de segunda, ditas “populares”. Pelo facto de serem antes de mais nada “filmes de ação”, é inegável que, apesar das suas qualidades de *mise en scène* e de uma mitologia aprazível, o cinema de artes marciais muito contribuiu para a degradação do gosto e mesmo das capacidades de percepção dos espectadores, muitos dos quais deixaram de se interessar pela “história” para fixar-se na “ação”, isto é na pancadaria. No entanto, numa mini-entrevista à *Première* francesa, Zhang Yimou declarou inteligentemente que, na sua opinião, o cinema de artes marciais “é inesgotável. Pode-se tratar todos os temas possíveis. Basta ter ideias”. E uma das ideias centrais dele e dos seus dois co-argumentistas em **O Segredo dos Punhais Voadores** (entre os quais Wang Bing, realizador de imenso peso) foi a de introduzir um elemento lírico-amoroso no cerne do filme, naquele que é um dos géneros mais impermeáveis a este tipo de efusão por parte dos personagens, por ser o género “de ação” por excelência. Não se trata de uma simples história amorosa, que talvez fosse descabida num filme de artes marciais, mas de uma história que se desdobra num triângulo, o que dá cabo da cumplicidade entre os dois homens e obriga a mulher a escolher entre o amor/desejo e o dever (note-se a radical diferença entre a atitude dela e a da heroína estalinista do filme soviético “**O Quadragésimo-primeiro**”, realizado por Grigori Choukrai em 1956: ela se apaixona e tem uma ligação com o prisioneiro de que tem a guarda

durante a guerra civil de 1918-22, mas executa-o sem hesitar no desenlace). Junta-se a este triângulo, o tema da intriga política (o grupo dos Punhais Voadores, de que faz parte a protagonista, tem evidentes analogias com a guerrilha comunista em filmes chineses como a versão não musical de “**O Destacamento Feminino Vermelho**”), o que traz água para o moinho propagandístico do regime de Pequim. Como de costume neste tipo de cinema, a ação tem lugar numa época remota e imprecisa. Uma vez postos na mesa os elementos centrais do argumento – o triângulo, a ideia da viagem feita por dois inimigos, a intriga secundária que consiste na luta política – era preciso articulá-los numa trama narrativa que seduzisse o espectador. E isto é feito com grande habilidade, pois os elementos narrativos são expostos aos poucos, fazendo-nos descobrir por etapas a verdade por detrás da fachada dos personagens. O único “senão” um pouco surpreendente da narrativa é fazer com que a gerente do bordel seja a chefe secreta da guerrilha, o que talvez seja uma lembrança do clássico melodrama mexicano **Aventurera**, no qual descobrimos a meio da ação que uma cruel proxeneta num cabaré-bordel é durante o dia uma respeitável mãe de família católica (reconheçamos que a informação de que Xiao Mei não é cega também não surpreenderá ninguém, mas trata-se de um filme, ainda por cima não exatamente “realista”).

Nenhum filme, por mais bem concebido que seja, existe sem a aventura da *mise en scène* e o trabalho de Zhang Yimou é de uma perfeição impressionante: nenhum efeito visual ultrapassa as medidas, nenhum plano dura um segundo a mais ou a menos do que o necessário, o uso da escala de planos (grande plano, plano geral, etc.) é magistral, a narração e a *mise en scène* são ao mesmo tempo amplas e precisas. Uma das características do cinema de artes marciais, que muito contribuiu para a sua popularidade, são os imensos saltos dos personagens, que desafiam permanentemente as leis da gravidade. Este elemento está contido no próprio título de **O Segredo dos Punhais Voadores**, onde não são só os punhais que voam, também voam pessoas, lanças e flechas. Este aspecto coreográfico abole o prosaísmo do combate físico. Não mãos de Zhang Yimou e dos seus técnicos de efeitos especiais, punhais, flechas, espadas e lanças fazem autênticas coreografias e seguem complexos caminhos antes de atingirem o seu alvo (num dos mais belos momentos “de ação” do filme, quatro flechas disparadas sucessivamente chegam ao mesmo tempo ao alvo), bambus atingidos por punhais caem com perfeita exatidão em cima das suas vítimas, em certas passagens seguimos o percurso do punhal ou da flecha: também o filme de Zhang Yimou desafia as leis da gravidade cinematográfica e leva a um patamar superior um dos efeitos visuais mais previsíveis e mais aprazíveis do cinema de artes marciais.

Quase todos os comentadores do filme chamam a atenção para a utilização da cor, que é de facto mais um dos sinais do total domínio formal de Zhang Yimou. Tanto nos relativamente raros interiores, como nos numerosos exteriores, quase todos passados em campos e florestas (não há uma só sequência de exterior situada numa cidade ou aldeia) no outono, com os seus diversos matizes cromáticos, o uso da cor no filme tem uma função estética e dramática. O espectador é seduzido pela pura e simples beleza das cores, torna-se cada vez mais cúmplice do objeto cinematográfico, ainda que a sua identificação com os personagens seja moderada (o efeito cromático mais impressionante é um bambuzal em que tudo é verde, até o ar, o que dá a estas sequências algo de uma alucinação visual de um personagem). No terço final do filme, quando o dilema que vive a mulher se revela plenamente, Zhang Yimou tem a brilhante ideia de continuar a filmar “de longe” a relação cada vez mais íntima entre os três protagonistas. É isto que torna tão forte a sequência final, o combate singular e mortal entre os dois homens em meio a uma vasta paisagem nevada. A mulher se sacrifica, os dois contendores desistem de lutar, posto que ela, objeto do combate, estava morta. A perfeita conjugação entre um argumento e uma *mise en scène* que tira o máximo das situações é uma das definições de um grande filme e **O Segredo dos Punhais Voadores** é exatamente isto: um magnífico objeto cinematográfico, que eleva um género popular a um patamar superior, sem trair a sua essência. Como um grande artesão – joalheiro ou marceneiro, por exemplo – Zhang Yimou deu com este filme um objeto de feitura perfeita, um exemplo do mais alto profissionalismo, o que não exige apenas destreza, também exige imaginação.

Antonio Rodrigues